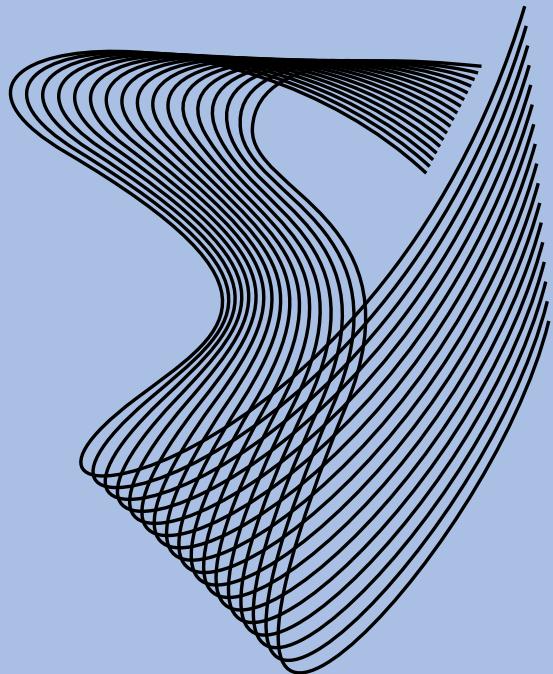


TEMPO EM CURSO



Publicação eletrônica mensal sobre as desigualdades
de cor ou raça e gênero no mercado de trabalho
metropolitano brasileiro

Ano VI; Vol. 6; nº 7, Julho, 2014

(Vitimização por homicídios no Brasil: o que dizem
os dados do SIM sobre a população preta & parda?)

ISSN 2177-3955

Sumário

1. Apresentação
 2. Vitimização por homicídios de acordo com o SIM: evolução entre 2002 e 2012
 3. Evolução do saldo de admissões no mercado de trabalho formal
 4. Evolução da taxa de rotatividade
- Anexo. Síntese estatística: indicadores representativos sobre desigualdades de cor ou raça no mercado de trabalho brasileiro

1. Apresentação

Com a presente edição, o **LAESER** dá continuidade ao boletim “Tempo em Curso”, que chega ao seu 57º número. Esta publicação se dedica à análise da evolução dos indicadores do mercado de trabalho nas seis maiores Regiões Metropolitanas (RMs) brasileiras cobertas pela Pesquisa Mensal de Emprego (PME). Da mais ao Norte para a mais ao Sul, estas são as seguintes: Recife (PE), Salvador (BA), Belo Horizonte (MG), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) e Porto Alegre (RS).

Os indicadores do “Tempo em Curso” se baseiam em duas fontes principais. A primeira delas é a PME, divulgada em formato de microdados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no portal (www.ibge.gov.br). A segunda fonte de dados é o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), fornecido pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), também divulgado em formato de microdados em seu portal (<http://portal.mte.gov.br>). Ambas as bases são tabuladas pelo **LAESER** no banco de dados “Tempo em Curso”.

Contudo, na presente edição, não foi possível dar prosseguimento às usuais séries dos indicadores de mercado de trabalho baseados nos microdados da PME. Em consequência da paralização dos servidores do IBGE, até a data do fechamento do presente número do Tempo em Curso, os microdados referentes ao mês de maio de 2014 ainda não haviam sido disponibilizados na página do Instituto. Desta forma, a análise foi inviabilizada por conta da ausência dos microdados necessários ao cálculo dos indicadores usualmente divulgados no anexo estatístico desse boletim.

Sendo assim, em termos de indicadores de mercado de trabalho, esta edição conta apenas com a divulgação e comentário dos indicadores extraídos a partir da base de dados do CAGED do MTE: a taxa de rotatividade no

emprego e o saldo de admissões no mercado de trabalho. Tais dados se encontram desagregados pelos grupos de cor ou raça e sexo e fazem referência ao período compreendido entre maio de 2013 e maio de 2014.

O tema especial desta edição é uma investigação sobre a evolução dos óbitos por homicídio no Brasil entre o ano de 2002 e o ano de 2012. As informações foram extraídas do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), organizado pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) do Ministério da Saúde (MS).

Além dos dados apresentados nas próximas páginas, no site do LAESER encontram-se disponíveis dois arquivos: o primeiro contendo as razões de mortalidade por homicídio por 100.000 habitantes para todas as Grandes Regiões, Unidades da Federação (UF's) e Capitais de UF's, todas desagregadas por cor ou raça e sexo, para o ano de 2012 (<http://bit.ly/1oVA8Cl>). E no segundo, o número total de óbitos por homicídios, em 2012, para todos os municípios brasileiros, desagregados pelos grupos de cor ou raça e sexo (<http://bit.ly/XoAhv1>).

Ao longo deste breve estudo, fica evidente a maior vitimização por homicídio da população masculina e, em especial, aquela de cor ou raça preta & parda. Este mês, o “Tempo em Curso” traz à reflexão um quadro alarmante, evidenciando não apenas a maior mortalidade por homicídio dos jovens pretos & pardos, mas também a consistente e perversa elevação destes casos entre toda a população preta & parda nos últimos dez anos.

2. Vitimização por homicídios de acordo com o SIM: evolução entre 2002 e 2012 (tabelas 1 e 2; gráfico 1; box 1)

2.a. Considerações metodológicas

Os dados sobre mortalidade por homicídio presentes na atual edição do “Tempo em Curso” foram processados a partir dos microdados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) do Ministério da Saúde (MS). A pesquisa foi iniciada em 1979 e adquiriu seu formato atual a partir de 1996, quando incorporou a versão mais recente da Classificação Internacional de Doenças (CID-10).

Os dados do SIM são coletados a partir do preenchimento da Declaração de Óbito (DO) pelo médico responsável no momento do falecimento. As DO's são então recolhidas

pelos órgãos locais e repassadas ao MS, que alimenta a base de dados do SIM e, posteriormente, fornece os microdados ao público. Estes podem ser obtidos na página do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS).

Para a obtenção dos dados de homicídios foi feita a decomposição das causas segundo o CID-10, utilizando os códigos relevantes (X85 - Y09), desagregando os óbitos por cor ou raça, sexo e, em alguns casos, idade.

Para calcular as razões de mortalidade por homicídio para as capitais das Unidades da Federação, no ano de 2012, foi necessário proceder a um cálculo da estimativa do tamanho populacional destes municípios naquele ano.

Por razões de precisão da estimativa, as informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) não podem ser desagregadas a um nível inferior à Região Metropolitana. Desta forma, para o cálculo da taxa de mortalidade das capitais das UF's, foi necessário estimar o crescimento populacional ocorrido entre 2010 e 2012. Para isso, foi calculada a taxa de crescimento da população de cada estado e, dentro destes, de cada grupo de cor ou raça e sexo de acordo com o Censo Demográfico de 2010 e com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2012. De posse de uma taxa para cada grupo de cor ou raça e sexo em cada estado foi possível estimar o tamanho da população dos municípios multiplicando os valores obtidos pelo total populacional de acordo com o Censo de 2010.

Adicionalmente, como se trata de um estudo realizado a partir de registros administrativos, ou seja, as informações dos indivíduos são coletadas por meio de um formulário cadastral, há algumas ressalvas metodológicas que devem ser lembradas neste momento¹.

Em primeiro lugar, a existência de uma subnotificação de óbitos no Brasil. De acordo com estimativas do IBGE, em 2000, na população acima de 5 anos de idade, o percentual de cobertura da apuração oficial dos óbitos seria de 80% para os homens e de 75%, para as mulheres. Em segundo lugar, a qualidade dos indicadores do SIM é afetada proporcionalmente pelo elevado número de óbitos cujas

causas não foram identificadas pelos médicos.

Por outro lado, como já foi mostrado no Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil 2009-2010, no estudo das desigualdades de cor ou raça, percebem-se três problemas adicionais:

- Atestados de óbito emitidos sem informação sobre a cor ou raça;
- A elevada proporção de atestados sem identificação das causas das mortes varia conforme o grupo de cor ou raça, o que, mais uma vez, compromete a qualidade das informações;
- Ao contrário de pesquisas por amostra e censitárias, como a PNAD ou Censo Demográfico, no qual a cor ou raça dos indivíduos é autodeclarada, no SIM, evidentemente, é informada por outra pessoa.

Nos primeiros anos em que esta variável foi incluída nas DO's, a qualidade dos dados ficou comprometida devido à presença de um grande número de óbitos de pessoas de cor ignorada. A partir de 2001, porém, o número de registros de "cor ignorada" passou a diminuir de forma significativa, possibilitando um uso mais sistemático das informações desagregadas pela variável "cor ou raça".

2.b. Indicadores de homicídio no Brasil desagregado por cor ou raça

De acordo com os dados do SIM, no decênio compreendido entre os anos de 2002 e 2012, foram assassinadas em todo o país 555.884 pessoas. Do total de indivíduos vítimas de homicídio no período, 62,2% (345.885) eram pretos & pardos e 31,1% (172.419) eram brancos.

Desde o ano de 2004, o número de vitimizações de pessoas pretas & pardas vem aumentando em relação ao ano imediatamente anterior. No mesmo intervalo, entre a população de cor ou raça branca este fenômeno se verificou apenas em 4 anos (2006, 2008 e 2009 e em 2012). Entre 2002 e 2012, o número anual de homicídios de pretos & pardos aumentou em mais de 11 mil ocorrências, ao passo que entre a população branca este mesmo número se reduziu em cerca de 4,5 mil casos.

Tendo em vista estas respectivas evoluções, entre 2002

¹ Para um tratamento mais exaustivo dos cuidados metodológicos necessários ao se trabalhar com a base de dados do SIM/DATASUS/MS, ver o capítulo 1 do Relatório Anual Das Desigualdades Raciais No Brasil; 2009-2010 (http://www.laeser.ie.ufrj.br/PT/Paginas/relatorio_2009_2010.aspx).

² OLIVEIRA, Juarez & ALBUQUERQUE, Fernando (s/d) – Projeção da população do Brasil – parte 1. Níveis e padrões da mortalidade no Brasil a luz dos resultados do Censo 2000. Rio de Janeiro: IBGE (<http://www.ibge.gov.br>) 48 p.

Tabela 1 - Homicídios segundo os grupos de cor ou raça de ambos os sexos - Brasil, 2002-2012 (em número de declarações de óbito)

	Pretos & Pardos	Brancos	Total
2002	26.952	18.867	49.695
2003	28.331	18.846	51.043
2004	27.702	17.142	48.374
2005	28.454	15.710	47.578
2006	29.925	15.753	49.145
2007	30.193	14.308	47.707
2008	32.349	14.650	50.113
2009	33.533	14.851	51.434
2010	34.983	14.047	52.260
2011	35.207	13.895	52.198
2012	38.256	14.350	56.337

Nota 1: A população total inclui os indivíduos de cor ou raça amarela, indígena e ignorada.

Nota 2: Os dados para o total do Brasil incluem as ocorrências em municípios ignorados.

Fonte: Ministério da Saúde, DATASUS, microdados SIM; IBGE, microdados PNAD

Tabulações LAESER

a 2012, o peso relativo dos homicídios contra pretos & pardos aumentou progressivamente no número total de assassinatos. Em 2002, aquele grupo respondeu por 54,2% do número total de vítimas. Já em 2012, este percentual chegou a 67,9%, isto é, mais de 2/3.

De maneira inversamente proporcional, o número de pessoas brancas vitimadas por homicídio veio decaindo progressivamente ao longo do período analisado, tanto em termos absolutos quanto percentuais. No ano de 2002, 38,8% das declarações de óbito com registro de homicídio indicavam que a pessoa que sofreu a agressão era branca. Em 2012, tal razão chegou a 25,5%.

Alguns observadores mais cépticos poderiam argumentar que o aumento da presença relativa de pretos & pardos no total dos casos de vitimização por homicídio seria apenas um reflexo do fenômeno de elevação da representatividade dos pretos & pardos na população como um todo. Contudo, ainda que tal argumento não seja completamente desprovido de fundamentação, tampouco é possível afirmar que esteja correto em sua totalidade.

De fato, conforme já explorado em edição anterior do boletim Tempo em Curso³, de acordo com os dados da

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2012, os pretos & pardos passaram a representar 53% da população residente no Brasil. Dez anos antes, em 2002, este contingente perfazia 46,1% dos residentes no país. Ou seja, durante a década analisada, a presença preta & parda se elevou em 6,9 pontos percentuais. Por outro lado, de acordo com os dados do SIM, a proporção de pretos & pardos assassinados nos mesmos dez anos cresceu 13,7 pontos percentuais. Ou seja, quase o dobro do crescimento relativo da população preta & parda.

Apenas no ano de 2012, foram cometidos, em média, 4.695 assassinatos por mês no Brasil. Esse dado expõe a média de 156,5 assassinatos por dia, ou 6,5 por hora. Entre os pretos & pardos, a cada hora, 4,4 pessoas eram mortas por homicídio.

Por mês, em 2012, aconteceram 3.188 assassinatos contra pretos & pardos no país. Por dia, foram 106,3 homicídios contra pessoas de tal cor ou raça.

Entre a população branca, em 2012, os homicídios ocorreram a uma média de 1.196 por mês; 39,9 por dia; 1,7 assassinatos por hora. Ou seja, a diferença no núme-

³ Para mais detalhes sobre o crescimento da população preta & parda entre os anos de 2002 e 2012, conferir Tempo em Curso nº 10, Outubro, 2013 "O crescimento da participação dos pretos & pardos: dados da PNAD 2012".

Tabela 2 - Homicídios segundo os grupos de cor ou raça e sexo - Brasil, 2002 e 2012 (em número de declarações de óbito por 100 mil habitantes)

		2002	2012
Homens	Pretos & Pardos	63,1	67,9
	Brancos	38,8	29,8
	Total	54,2	53,8
Mulheres	Pretas & Pardas	4,4	5,6
	Brancas	3,6	3,2
	Total	4,4	4,7
Total	Pretos & Pardos	33,7	36,7
	Brancos	20,4	15,8
	Total	28,7	28,6

Nota 1: A população total inclui os indivíduos de cor ou raça amarela, indígena e ignorada.

Nota 2: Os dados para o total do Brasil incluem as ocorrências em municípios ignorados.

Fonte: Ministério da Saúde, DATASUS, microdados SIM; IBGE, microdados PNAD

Tabulações LAESER

Box 1. Desigualdade de cor ou raça da razão de mortalidade por homicídio nas Unidades da Federação (UFs)¹

Apesar da taxa de mortalidade por homicídio no Brasil abrigar grandes diferenças em termos de cor ou raça estas assimetrias acabam ganhando uma dimensão exponencial quando analisado dentro das unidades da Federação. Assim, com apenas uma única exceção (Paraná, estado onde a razão de mortalidade por homicídios dos pretos & pardos era menor que a dos brancos em 33,7%), em todos os estados brasileiros os pretos & pardos se encontram entre os mais vulneráveis às mortes violentas causadas por agressão.

Entre as unidades da Federação brasileiras, Pernambuco é aquela que possui a maior diferença na razão de mortalidade por homicídio entre pessoas pretas & pardas e brancas: 818,7%.

Em ordem decrescente, as maiores diferenças nas razões de mortalidade entre pretos & pardos, de um lado, e brancos de outro são: Alagoas (796,1%), Paraíba (682,6%), Distrito Federal (534,0%), Espírito Santo (378,5%) e Amazonas (273,3%).

ro horário de homicídios entre pretos & pardos, de um lado, e brancos, de outro, foi de 159%.

No ano de 2002, a razão de mortalidade por homicídio da população brasileira por 100 mil habitantes era de 28,7. Em 2012, a mesma razão se mantinha praticamente estável, declinando ligeiro 0,2%. Para os homens, a razão de mortalidade por aquela causa se moveu de 54,2 em 2002 para 53,8 em 2012, com queda de somente 0,7%. Já para as mulheres, no mesmo período, a mesma razão subiu de 4,4 para 4,7, o que corresponde a um aumento de 6,7%.

Desagregando as informações da razão de mortalidade por homicídio por cor ou raça, notou-se que o cenário de aparente estabilidade do indicador desaparece. Tal realidade se revela em especial quando se analisa o que aconteceu com o contingente do sexo masculino.

A razão de mortalidade por homicídio para os pretos & pardos de ambos os sexos era de 33,7 em 2002, tendo aumentado 8,1% em dez anos, subindo para 36,7. Para os brancos de ambos os sexos, a situação inversa ocorreu: a razão de mortalidade por homicídio desse grupo declinou de 20,4 para 15,8 no período analisado, apresentando uma chamativa queda de 29,7%. Assim, entre os anos de 2002 e 2012, a desigualdade na mortalidade de pretos & pardos de ambos os sexos e brancos se elevou de 65,0% para 132,7%, ou seja, 67,7 pontos percentuais desfavoráveis para os pretos & pardos.

¹ Anexo I. Acesso em: <http://bit.ly/1oVA8CL>

Apesar da reduzida razão de mortalidade por homicídios das mulheres quando comparadas aos homens, ainda entre elas havia diferenças de cor ou raça. Entre 2002 e 2012, a razão de mortalidade por homicídios das pretas & pardas passou de 4,4 para 5,6 (21,2%), enquanto a das brancas se retraiu de 3,6 para 3,2 (13,5%).

Tais movimentos fizeram com que a desigualdade entre a razão de homicídios de mulheres brancas e pretas & pardas aumentasse de 20,9%, em 2002, para 74,3%, em 2012; uma elevação de 53,4 pontos percentuais.

Entre os homens pretos & pardos, a taxa de homicídios por 100 mil habitantes subiu de 63,1 para 67,9 (aumento de 7,1%). Já o mesmo indicador para os homens brancos caiu 30,5%, passando de 38,8 para 29,8 em dez anos. A assimetria de cor ou raça no indicador do contingente masculino passou de 62,4%, em 2002, para 128,1%, em 2012. Ou seja, neste interregno a diferença entre um e outro grupo se elevou em 65,7 pontos percentuais.

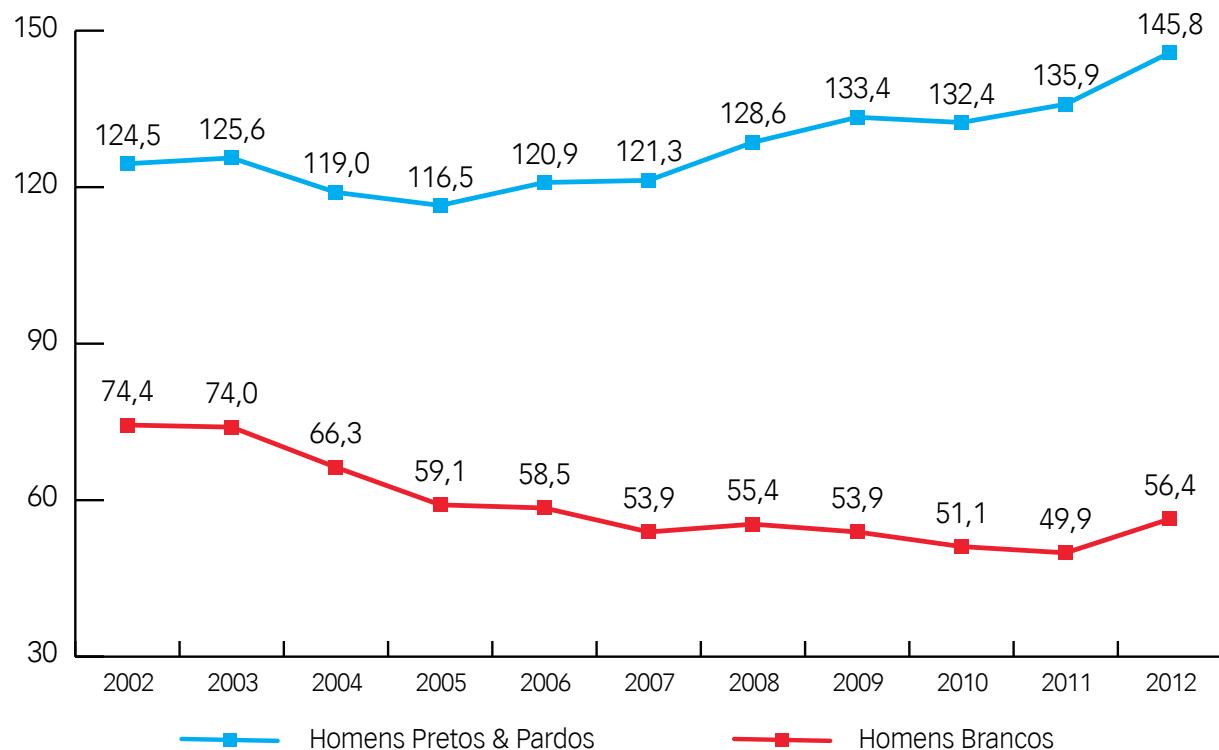
A desigualdade de cor ou raça nas razões de mortalidade se eleva ainda mais quando são analisados os dados da população jovem entre 15 e 24 anos.

Em 2012, em todo o país, a razão de mortalidade por 100 mil habitantes de jovens pretos & pardos por homicídios foi igual a 145,8. Entre os anos de 2002 e 2012, a mortalidade por homicídio dos jovens pretos & pardos cresceu 14,6%. No mesmo intervalo, a taxa de homicídio por 100 mil habitantes dos jovens brancos caiu 31,9%.

Comparando a taxa de mortalidade por homicídios dos jovens pretos & pardos com o mesmo indicador da população masculina preta & parda como um todo, verifica-se uma assimetria de 131,3%. Comparando a taxa de mortalidade dos jovens pretos & pardos com a mesma taxa da população masculina como um todo (53,8), encontra-se uma diferença de 169,2%. Quando se contrasta a razão de mortalidade por homicídios de jovens pretos & pardos de 15 a 24 anos com a dos jovens brancos (56,4), encontra-se uma desigualdade de 158,7%.

Ao se contrastar a razão de homicídios entre os jovens pretos & pardos com a das mulheres brancas como um todo (3,2 por 100 mil habitantes), se chega a uma astronômica diferença de 4.457,4%.

Gráfico 1 - Homicídios de jovens do sexo masculino entre 15 e 24 anos segundo os grupos de cor ou raça - Brasil, 2002-2012 (em número de declarações de óbito por 100 mil habitantes)



Nota: Os dados para o total do Brasil incluem as ocorrências em municípios ignorados.

Fonte: Ministério da Saúde, DATASUS, microdados SIM.

Tabulações LAESER

Ao longo do decênio estudado, observou-se que a mortalidade dos jovens pretos & pardos aumentou de forma praticamente ininterrupta no decorrer dos anos, apresentando breves quedas como no biênio 2004-2005, mas voltando a se elevar logo em seguida. Chama atenção a disparada da taxa de assassinatos deste contingente do ano de 2011 para o de 2012: em apenas um ano, a razão passou de 135,9 para 145,8 (7,3%), atingindo o ápice da série analisada.

Já para os jovens brancos, o mesmo indicador veio caindo com o passar do tempo, de maneira que o ponto mais alto da série em questão ocorreu no ano de 2002 (74,4). Deste ano até 2011, a razão de homicídios dos jovens brancos apresentou uma sequência de quedas, à exceção do aumento ocorrido de 2007 para 2008. Entretanto, deve-se mencionar que entre 2011 e 2012, também os jovens brancos do sexo masculino tiveram significativa elevação dos assassinatos por 100 mil habitantes: 11,5%.

Este conjunto de indicadores sobre os homicídios em todo o país, em 2012, revela não somente os extremados níveis de violência que seguem assolando a sociedade brasileira. Há nestes indicadores a confirmação do viés de cor ou raça e gênero, colhendo os homens pretos & pardos, especialmente os jovens, entre as maiores vítimas deste cenário que não admite outro termo que senão de matança ou extermínio.

Por outro lado, aparentemente este grave assunto segue condenado a frequentar antes as páginas policiais nos jornais do que ocupar o espaço que mereceria estar, que seria no debate político nacional.

3. Evolução do saldo de admissões (admitidos - desligados) no mercado de trabalho formal (tabela I)

De acordo com os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) do Ministério do Trabalho (MTE), o mercado de trabalho formal brasileiro gerou um saldo positivo de 58.836 postos de trabalho com carteira assinada em maio de 2014. Em relação a maio de 2013, houve queda de 44,2% no saldo de empregos gerados. Em comparação a abril de 2014, o saldo diminuiu 18,3%.

No mês de maio de 2014, entre todos os contingentes de cor ou raça e sexo analisados, apenas os homens

brancos obtiveram saldo de admissão negativo, isto é, apenas para esse grupo ocorreram mais demissões do que admissões no mercado de trabalho formal. Esta situação acabou se refletindo no comportamento do indicador para os brancos de ambos os sexos, ainda que as mulheres deste grupo de cor ou raça tenham experimentado mais contratações do que naquele mês.

Os trabalhadores brancos do sexo masculino tiveram um saldo negativo de 18.696 em seus postos de trabalho formais. Já para as trabalhadoras brancas, o saldo de admissões no setor formal foi positivo em 7.801 postos de trabalho.

No caso dos trabalhadores brancos de ambos os sexos, em maio de 2014, houve um saldo negativo de 10.895 postos de trabalho. Em relação a abril do mesmo ano, este valor representa uma queda de 137,8% na diferença entre o total de contratação e de demissões. Na comparação com o mês de maio de 2013, a queda foi ainda mais notável: 180,9%.

Para os pretos & pardos de ambos os sexos, o saldo de admissões em maio de 2014 foi positivo em 55.002 postos de trabalho. Na comparação mensal, houve queda de 7,4% no indicador, enquanto que em relação a maio de 2013, o mesmo apresentou-se 15,3% mais elevado.

Entre os trabalhadores pretos & pardos de sexo masculino, houve saldo positivo de 23.493 admissões em novos postos de trabalho, enquanto as trabalhadoras pretas & pardas experimentaram saldo de geração de emprego positivo igual a 31.509 postos de trabalho.

4. Evolução da taxa de rotatividade (tabela II)

De acordo com os dados do CAGED do MTE, em maio de 2014, a taxa de rotatividade de todos os trabalhadores com carteira assinada da economia brasileira era de 38,7%⁴. Na comparação com o mês de maio de 2013, o indicador se elevou em 0,3 ponto percentual. Em relação a abril de 2014, houve elevação de 0,1 ponto percentual.

Em maio de 2014, os trabalhadores brancos de ambos os sexos possuíam taxa de rotatividade de 33,6%. Na comparação com maio de 2013, houve queda de 0,3 ponto percentual. Comparativamente a abril de 2014, o indicador se manteve estável.

⁴ Para informações a respeito do cálculo da taxa de rotatividade e uma análise um pouco mais aprofundada sobre o indicador em questão, conferir Tempo em Curso Fevereiro de 2012, ano IV; Vol. 4; no 2, e Tempo em Curso Março de 2013, ano V; Vol. 5; no 3.

Para os homens brancos, a taxa de rotatividade era de 34,7% em maio de 2014, o que representou uma queda de 0,2 ponto percentual no indicador na comparação anual. Já na comparação mensal, a taxa permaneceu inalterada.

Entre as trabalhadoras brancas, em maio de 2014, a taxa de rotatividade era de 32%. A mesma caiu 0,4 ponto percentual na comparação anual, e 0,1 ponto percentual, na comparação mensal.

Em maio de 2014, o indicador da PEA preta & parda de ambos os sexos era igual a 44,1%. Na comparação anual, houve aumento de 0,8 ponto percentual. Já em relação ao mês anterior, o indicador se elevou em 0,1 ponto percentual.

A taxa de rotatividade dos homens pretos & pardos era de 48,6%. Em relação a maio de 2013, a mesma cresceu 0,8 ponto percentual. Em comparação a abril de 2014, aumentou 0,2 ponto percentual.

Já para as mulheres pretas & pardas, a taxa era de 34,6%. Na comparação anual, o indicador aumentou 1,5 pontos percentuais. E, na comparação mensal, variou positivamente em ligeiro 0,1 ponto percentual.

Em maio de 2014, a taxa de rotatividade do mercado de trabalho formal dos pretos & pardos era 10,5 pontos percentuais mais elevada do que aquela verificada para os brancos de ambos os sexos. Entre os homens, essa diferença era ainda maior: 13,9 pontos percentuais desfavoráveis para os homens pretos & pardos. Entre as mulheres, a taxa de rotatividade das pretas & pardas era 2,6 pontos percentuais maior do que a das brancas.

Tempo em Curso

Elaboração escrita

Marcelo Paixão, Elisa Monçores, Elaine Carvalho,
Hugo Saramago e Irene Rossetto

Pesquisadores Assistentes

Elaine Carvalho
Elisa Monçores
Hugo Saramago

Colaboradoras

Irene Rossetto

Bolsista de iniciação científica

Guilherme Câmara

Revisão de texto e copidesque

Alana Barroco Vellasco Austin

Editoração

Erlan Carvalho

Apoio

Fundação Ford



FORDFOUNDATION

Na Linha de Frente das Mudanças Sociais

Equipe LAESER / IE / UFRJ

Coordenação Geral

Prof. Marcelo Paixão

Pesquisadores Assistentes

Prof. Cleber Lázaro Julião Costa
Elaine Carvalho
Elisa Monçores
Hugo Saramago
Iuri Viana

Colaboradores

Prof.^a Azoilda Loretto
Danielle Oliveira
Irene Rossetto Giaccherino
Prof. José Jairo Vieira

Bolsistas de iniciação científica

Andressa Evellyn Oliveira (PIBIC – FAPESB)
Clésio Lacerda (PIBIC–CNPq – UFRJ)
Daniel Vainfas (PIBIC–CNPq – UFRJ)
Guilherme Câmara (Fundação Ford)
Jordão Andrade (Fundação Ford)

Secretaria

Luisa Maciel

Síntese estatística: indicadores representativos sobre desigualdades de cor ou raça no mercado de trabalho brasileiro

Tabela I. Saldo de admissões (admitidos-desligados) no mercado de trabalho formal, Brasil, mai/13 - mai/14 (em número de trabalhadores)

	2013								2014				
	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai
Homens Brancos	1.073	12.413	-9.896	13.107	36.055	-3.992	-30.514	-168.150	12.622	51.522	-18.794	13.014	-18.696
Mulheres Brancas	12.392	19.334	-3.183	29.413	32.215	15.081	23.779	-106.621	-17.558	56.377	1.096	15.838	7.801
Brancos	13.465	31.747	-13.079	42.520	68.270	11.089	-6.735	-274.771	-4.936	107.899	-17.698	28.852	-10.895
Homens Pretos & Pardos	25.799	47.546	31.808	41.201	89.363	42.216	-4.014	-122.049	21.751	72.770	7.154	23.422	23.493
Mulheres Pretas & Pardas	21.894	34.946	17.902	29.468	36.196	25.740	44.021	-27.864	-9.214	47.433	17.035	35.998	31.509
Pretos & Pardos	47.693	82.492	49.710	70.669	125.559	67.956	40.007	-149.913	12.537	120.203	24.189	59.420	55.002
PEA Total	72.028	123.836	41.463	127.648	211.068	94.893	47.486	-449.444	29.595	260.823	13.117	105.384	58.836

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada.

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso).

Tabela II. Taxa de rotatividade no emprego com carteira assinada, Brasil, mai/13 - mai/14 (em %)

	2013								2014				
	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai
Homens Brancos	34,9	34,9	35	34,9	35	35,1	35,1	35,3	35	35	34,7	34,7	34,7
Mulheres Brancas	32,4	32,4	32,5	32,4	32,4	32,5	32,4	32,5	32,4	32,3	32,2	32,1	32
Brancos	33,9	33,9	34	33,9	34	34,1	34	34,1	34	33,9	33,7	33,6	33,6
Homens Pretos & Pardos	47,8	47,8	47,8	47,8	47,7	47,9	48	48,6	48,5	48,6	48,4	48,4	48,6
Mulheres Pretas & Pardas	33,1	33,3	33,6	33,7	33,8	34,1	33,8	34	34,2	34,3	34,5	34,5	34,6
Pretos & Pardos	43,3	43,4	43,5	43,5	43,5	43,7	43,6	43,9	43,9	44	44	44	44,1
PEA Total	38,4	38,4	38,6	38,5	38,6	38,7	38,7	38,9	38,8	38,8	38,7	38,6	38,7

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada.

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso).